

Antropologia Portuguesa

Volume 22-23 · 2005-2006

Departamento de Antropologia | Universidade de Coimbra

Dossier Temático

VIOLÊNCIA

do Vale do Lapedo há vinte e cinco mil anos. Nos capítulos subsequentes (“A Leitura Simbólica” e “Pensando sobre o Assunto”), o escritor conduz novamente a narrativa para o campo da especulação consciente. O capítulo 6 (“Pensando sobre o Assunto”), sobretudo, inclui uma série de imprecisões científicas e algumas reflexões algo perturbantes. Refira-se, nomeadamente, o encadeamento da presumível mestiçagem da criança do Lapedo com a inclinação nacional de ir “para a cama com toda a gente” (p. 175) e de criar comunidades mestiças em diversos pontos do antigo império colonial português. Este modelo anacrónico de luso-tropicalismo, adoptado pela propaganda do Estado Novo, é inaceitável do ponto de vista da antropologia coetânea.

Lapedo: uma criança no vale insere-se numa longa tradição de obras de vulgarização científica. Escrito por um romancista, fecunda-se das qualidades e lacunas que decorrem dessa condição de surgir da pena de alguém que não provém dos domínios da arqueologia ou da paleoantropologia. A divulgação científica é parte elementar do processo de conhecimento do mundo e, desse modo, o livro de João Aguiar constitui um importante e prático roteiro (apesar de, por vezes, pecar pela propensão especulativa do autor) de introdução a uma das mais importantes descobertas arqueológicas alguma vez feitas em Portugal.

Outras referências:

Borges, J.L. 1998. *Ficções*. Lisboa, Teorema.

Ribeiro, A. 1957. *A casa grande de Romarigães*. Lisboa, Círculo de Leitores.

Francisco Curate

Departamento de Antropologia
Universidade de Coimbra
3000-056 Coimbra, Portugal
f_curate@yahoo.com

Appadurai, A. 2004. *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa, Teorema. 304 pp. ISBN 972-695-612-9. € 18,90

Consciente da necessidade de renovar ferramentas conceptuais por parte da Antropologia contemporânea, sob pena desta se tornar obsoleta face ao ritmo frenético das transformações sociais em grande escala que se operam nos dias de hoje, Arjun Appadurai reflecte, nesta obra, sobre a dimensão actual de alguns conceitos fulcrais para a ciência antropológica, nomeadamente o conceito “cultura”.

Entendida como uma espécie de substância humana partilhada, a cultura deslocou-se, ao longo do século XX, das ideias de E. B. Tylor sobre costume para as ideias de Clifford Geertz sobre significado. A grande variabilidade deste conceito faz com que alguns antropólogos o desprezem enquanto termo técnico, ao passo que outros encontram virtude nessa diversidade.

A grande dificuldade em definir cultura no mundo de hoje prende-se com a continuada desterritorialização das identidades culturais. O mundo actual caracteriza-se pelo enorme fluxo de coisas e pessoas, o que impede que as culturas continuem a ser confinadas a um espaço físico e geográfico delimitado. As velhas concepções de cultura relacionadas com parentesco, sentido comunitário, modo de vida e modo de produção e hábito social perdem fulgor, mostrando-se inadequadas para entender os fenómenos de localidade num mundo globalizado e desterritorializado. Appadurai, seguindo uma linha de pensamento actual, assume que os Estados-nação estão em crise, e que as identidades culturais, mesmo as de carácter nacional, estão cada vez menos ligadas a um território, devido sobretudo às massas de migrantes e à mediação electrónica.

É de louvar a abertura de Appadurai ao conceito de globalização, numa altura em que a Antropologia ainda olha relutantemente e com desdém para o assumido fenómeno. O autor deixa claro que globalização da cultura não é sinónimo de homogeneização, embora requeira o uso de uma série de instrumentos de homogeneização, como armamentos, técnicas publicitárias, hegemonias linguísticas ou maneiras de vestir. Toda a obra é marcada por uma oposição entre globalidade e localidade, ou pela negação da mesma, já que, na perspectiva do autor, estas cada vez menos se opõem, inserindo-se, ao contrário, na mesma rede de fluxos globais, interagindo reciprocamente. A sua volição é estruturar o entendimento das relações que se estabelecem entre o global, o nacional e o local. Estas relações são complexas, e para que a Antropologia consiga obter melhores resultados no entendimento das mesmas, é fundamental que reconheça a sua natureza transnacional e desterritorializada e que entenda a imaginação como uma das principais forças sociais do mundo de hoje.

A construção de identidades locais num mundo global e desterritorializado passa pela criação de imagens ou paisagens culturais, que são assumidas por determinados grupos, imagens essas que são veiculadas pelos meios tecnológicos de comunicação de massas. Partindo do exemplo dos migrantes, Appadurai – ele próprio migrado nos Estados Unidos, tendo nascido em Bombaim – defende que as imagens difundidas globalmente, focando aspectos locais, fornecem, àqueles que vivem longe da sua terra de origem, uma oportunidade de identificação com a “sua”

cultura, mesmo rodeados por um mundo estranho e distinto, onde a vivência local da sua cultura se torna impraticável. Não há grande novidade neste processo. Qualquer sociedade organizada culturalmente é dotada de construções imaginárias, expressas em canções, fantasias, mitos ou contos, que servem para criar uma identidade cultural. A característica distintiva da sociedade globalizada contemporânea é a amplitude transnacional e transcultural das imagens sociais disponíveis.

“Até há pouco tempo, fosse qual fosse o poder da mudança social, podia-se afirmar que a vida social sofria em geral de inércia, que as tradições ofereciam um conjunto relativamente finito de vidas possíveis e que a fantasia e a imaginação eram práticas residuais(...). Nas duas últimas décadas, à medida que a desterritorialização das pessoas, imagens e ideias foi ganhando nova força, o fiel da balança foi-se deslocando imperceptivelmente. Mais pessoas em todo o mundo vêm as suas vidas pelo prisma das vidas possíveis oferecidas pelos meios de comunicação de massas sob todas as suas formas. Ou seja, a fantasia é agora uma prática social; entra, de infinitos modos, no fabrico de vidas sociais para muitas pessoas em muitas sociedades.” (p. 78).

Todo este mundo imaginário é hoje mediado electronicamente, através das tecnologias do cinema, da televisão, do vídeo e também, mais recentemente, da Internet. No entanto, estes mundos imaginários e virtuais (porque existem “apenas” electronicamente), não são irreais. Eles actuam efectivamente na construção de identidades culturais, por processos semelhantes aos que, segundo Benedict Anderson, levaram do capitalismo de imprensa às identidades nacionais. Sublinho o alerta de Appadurai para que os etnógrafos e os antropólogos não se contentem com a densidade do local, que fornece uma imagem elementar e contingente de uma cultura, e, como tal, mais real que a vida tomada numa perspectiva ampla. O que é real nas vidas individuais é real de muitas maneiras, e esta realidade abrange as relações complexas que se estabelecem entre o global, o nacional e o local, nas quais os meios de comunicação de massas assumem um papel substancial.

Para conseguir uma aproximação antropológica a esta complexidade de relações, o autor propõe cinco novas ferramentas conceptuais, que correspondem a cinco dimensões de fluxos culturais globais: *etnopaisagens*; *mediapaisagens*; *tecnopaisagens*; *financiopaisagens* e *ideopaisagens*. O sufixo “paisagem” associado a cada um destes conceitos transmite a ideia de fluidez das relações sociais do mundo de hoje. Eles não obedecem a realidades fixas e independentes. Pelo contrário, fazem todos parte de um sistema interactivo onde todas estas paisagens e imagens se encontram em contacto e em permanente mutação. É, por isso, mais útil à

Antropologia actual utilizar o conceito *etnopaisagem* no lugar de identidade étnica. A principal dificuldade para os estudos culturais, num mundo movido por estes fluxos, prende-se com a crescente disjuntura que existe entre eles. As relações que se estabelecem entre as diversas paisagens são complexas e obrigam os investigadores sociais a debruçarem-se profundamente sobre as relações históricas e globais que actuam na construção da localidade.

Por um lado, verifica-se um esforço por parte dos Estados-nação para produzir localidade, tendo em vista a promoção de uma identidade nacional. Embora pareça contraditória esta combinação de localidade e nacionalidade, isto insere-se numa vasta rede de técnicas formais e informais que servem para nacionalizar o espaço físico considerado sob a sua autoridade soberana.

“O Estado-nação assenta a sua legitimidade na intensidade da sua presença significativa num corpo contínuo de território delimitado. Opera policiando as fronteiras, produzindo povo (...), construindo cidadãos, definindo capitais, monumentos, cidades, águas e solos e construindo os seus locais de memória e comemoração, como cemitérios e cenotáfios, mausoléus e museus. O Estado-nação leva a todo o seu território o projecto bizarramente contraditório de criar um espaço liso, contíguo e homogéneo de nacionalidade e simultaneamente um conjunto de lugares e espaços (prisões, quartéis, aeroportos, estações de rádio, repartições públicas, parques, paradas, vias processionais) calculados para criar distinções e divisões internas necessárias à cerimónia, vigilância, disciplina e mobilização do Estado.” (p. 251).

Através da definição e delimitação dos lugares e dos bairros, os Estados-nação procuram exercer um domínio sobre o seu território total, conjugando as pequenas diferenças internas com uma identidade una e contínua, que é circunscrita pelas fronteiras nacionais.

Paralelamente, desenvolvem-se tendências transnacionais, que desafiam a soberania dos Estados-nação na promulgação das suas identidades nacionais. Estas tendências resultam de um mundo em diáspora, e são mediadas pela tecnologia da comunicação social. Os locais turísticos fornecem exemplos de como a produção e reprodução da localidade, em bairros inseridos num território pertencente a um Estado-nação, resultam no que podemos chamar de *translocalidades*. Por outro lado, florescem os bairros virtuais, através da criação e difusão de localidades, quer pelo cinema e vídeo, quer pelas gravações áudio ou Internet, onde grupos de indivíduos recriam as suas culturas locais, muitas vezes construídas à distância e em contextos sociais distintos. Estes bairros virtuais assumem uma importância

crescente no mundo desterritorializado de hoje e a sua abrangência identitária é semelhante ou até superior à dos bairros espaciais.

Não é fácil dizer de que forma actuam e vão actuar no futuro estas construções imaginárias e virtuais sobre a produção de localidade. As disjunturas e antagonismos do mundo de hoje criam uma teia complexa de relações sociais que os etnógrafos e os antropólogos têm de conseguir destrinçar. A solução passará sempre por um aprofundado estudo histórico e contextual sobre a formação das localidades. Ao debruçar-se sobre o fenómeno do críquete na Índia, Appadurai demonstra como fluxos disjuntivos se cruzam historicamente, na afirmação deste como o desporto nacional da Índia. Interesses antagónicos relacionados com a necessidade de afirmação dos valores morais da Inglaterra vitoriana, os proveitos políticos do Império, a separação entre castas para os indianos, movimentos nacionalistas e independentistas, êxito individual dos jogadores e lucros financeiros de grandes empresas comerciais, tudo isto actua e actuou de forma disjuntiva para que o críquete tenha hoje o impacto notável que tem.

A multiplicidade de fluxos disjuntivos e a complexidade das relações entre o local, o nacional e o global constituem hoje uma dificuldade nova para os etnógrafos. No entanto, estamos ainda no princípio. A Antropologia terá de se adaptar à nova ordem social desterritorializada e globalizada. É de louvar o esforço de Appadurai em fornecer novas ferramentas conceptuais e propor um novo tipo de abordagem etnográfica, menos focada na história e na substância da localidade e mais voltada para os processos de formação da localidade. Se a Antropologia quiser colocar-se na vanguarda das ciências sociais, terá de pôr de lado alguns preconceitos metodológicos e mostrar uma maior abertura a alguns fenómenos do mundo moderno, tal como a dependência das estruturas sociais em relação aos fluxos globais, que por sua vez dependem de meios tecnológicos e políticas sociais de grande escala. A localidade, cada vez mais, tem de ser percebida nas suas relações com a globalidade, que deve, tal como o Appadurai sugere, no subtítulo do seu livro, ser entendida sem peias.

José Arruda

Departamento de Antropologia

Universidade de Coimbra

3000-056 Coimbra, Portugal

sijlyarvs@portugalmail.com